

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DOUBLE BILL

26 de Novembro de 2022

### THE STRAIGHT STORY / 1999

UMA HISTÓRIA SIMPLES

*um filme de DAVID LYNCH*

*Realização:* David Lynch *Argumento:* John Roach, Mary Sweeney *Fotografia:* Freddie Francis *Montagem:* Mary Sweeney *Design de Produção:* Jack Fisk *Música Original:* Angelo Badalamenti *Música Não Original:* Spade Cooley, Sylvia Fine, Middlejohn, John Neff, The Radio Ranch Straight Shooters *Design de Som:* David Lynch *Cenografia:* Barbara Haberecht *Guarda-Roupa:* Patricia Norris *Efeitos Especiais:* Gary D'Amico *Interpretação:* Richard Farnsworth (Alvin Straight), Sissy Spacek (Rose), Harry Dean Stanton (Lyle Straight), Jane Galloway (Dorothy), Joseph A. Carpenter (Bud), Donald Wiegert (Sig), Tracey Malone (enfermeira), Gibbons Dan Flannery (medico), Jennifer Edward-Hughes (Brenda), Ed Grenna (Pete), Jack Walsh (Apple), Gil Pearson (motorista da camioneta), Anastasia Webb (Crystal), Matt Guidry (Steve), Bill McCallum (Rat), Barbara Robertson, James Cada (Danny Riordan), Sally Wingert (Darla Riordan), Barbara Kingsley (Janet Johnson), Jim Haun (Johnny Johnson), "Max the Wonder Dog".

*Produção:* Les Films Alain Sarde, Le Studio Canal +, Picture Factory (Estados Unidos, 1999) *Produtores:* Alain Sarde, Mary Sweeney, Neal Edelstein *Produtores Associados:* Pierre Edelman, Michael Polaire *Estreia em Portugal:* 26 de Novembro de 1999 *Cópia:* 35 mm, cor, legendada em francês e electronicamente em português, 110 minutos.

---

THE STRAIGHT STORY é apresentado em double bill com UNE SIMPLE HISTOIRE de Marcel Hanoun ("folha" distribuída sem separado)

---

A dissonância de THE STRAIGHT STORY em relação aos pressupostos que integrariam, um a um, os filmes de David Lynch num universo temática e esteticamente marcado pelas faces obscuras e convulsivas de um mundo bizarro, distinto do mundo imediatamente reconhecível, mas também da tradição narrativa imediatamente reconhecível, fez deste filme um caso extraordinário no interior da obra de Lynch. Não sem alguma alguma ironia. É quando realiza um filme baseado numa história linear, sem desdobramentos e estilhaços, que Lynch assiste à recepção de um filme seu como um objecto "desquadrado". Insistentemente inquirido sobre a razão do seu interesse em contar esta história e o lugar deste filme no contexto da sua obra, Lynch foi batendo no mesmo ponto: se raras vezes a leitura de um argumento lhe proporcionou tanto prazer (nas suas contas, terá sido a quarta vez que lhe aconteceu), o fundamental na realização de um filme é adoptar uma atitude de respeito e fidelidade em relação à história que se quer contar. Nas suas palavras, é tão simples quanto isto.

O argumento de THE STRAIGHT STORY baseia-se em acontecimentos verídicos – a viagem de seis semanas, em 1994, de um septuagenário, Alvin Straight, ao volante de um cortador de relva John Deere, de 1966, durante cerca de 500 km, de Laurens, no Iowa, a Mount Zion, em Wisconsin, para ir visitar o irmão, também septuagenário, com quem cortara relações cerca de dez anos antes. Lynch filmou-o adoptando o que seria o ritmo da sua personagem septuagenária (e por inerência do seu actor), dando-lhe a dimensão de um movimento duplo, ao mesmo tempo geográfico (a travessia dos Estados na imensidão da paisagem e das estradas do Midwest americano) e interior (a determinação da personagem em resgatar uma relação suspendida, simultaneamente uma reconciliação consigo mesmo, é algo que Alvin tem de fazer sozinho e à sua maneira, apesar das condições adversas, físicas

e logísticas). Ora se as teias da história aqui contada não são tão banais quanto isso – afinal, o que há de vulgar em percorrer as estradas em que o horizonte não pára de se afastar à medida dos quilómetros percorridos numa máquina de cortar relva com um atrelado a fazer as vezes de caravana...?!? –, a história de (Alvin) Straight é contada como uma prosaica empresa individual, mas recuperando a tradição da Americana e do cinema clássico: as travessias dos grandes espaços, as mudanças de estação, as mudanças de cores... E convém não esquecer o jogo de sentidos do título original: a história de Straight e *uma* história *straight* (também pode ser a história *straight* de David Lynch). *THE STRAIGHT STORY* é um comovente filme sobre o que é ser velho, mas também um *road movie* (“I’m going back to the road...”), também um western em que os cowboys, envelhecidos mas não menos teimosos nem menos determinados, continuam a vestir *blue jeans*, camisas de flanela aos quadrados, os insubstituíveis chapéus de aba, e a fazerem-se à estrada quando têm de fazer o que têm de fazer.

A presença de Richard Farnsworth funciona como elo fundamental desta ligação à tradição do cinema americano. Além de ser perfeito na pele de Alvin Straight, não custando perceber como este foi um caso de entrega, sedução e encontro entre actor e personagem, Richard Farnsworth transporta toda uma carga de sentido idêntico. Actor tardio (foi quase aos 60 anos que interpretou a sua primeira personagem, em *COMES A HORSEMAN*, de Alan Pakula (1978), que lhe valeu uma nomeação para um Óscar de melhor actor secundário), Farnsworth fez carreira como duplo em cerca de 300 filmes e telefilmes desde o primeiro trabalho em cinema nos anos 1930 (*THE ADVENTURES OF MARCO POLO*, 1938). Foi duplo de actores tão extraordinários como Henry Fonda (muitas vezes, dada a parecença de estatura), Gary Cooper ou Montgomery Clift. Trabalhou com uma série de realizadores, de que destacava John Ford (por exemplo, em *FORT APACHE* ou *CHEYENNE AUTUMN*) e Howard Hawks (*RED RIVER*), mas em que se contam também George Stevens (*GUNGA DIN*), Robert Mulligan (*THE STALKING MOON*), Victor Fleming (*GONE WITH THE WIND*), Cecil B. DeMille (*THE TEN COMMANDMENTS*), Stanley Kubrick (*SPARTACUS*), etc, etc., etc. *THE STRAIGHT STORY*, cujo projecto lhe chegou depois de anos de ausência dos *plateaux* de cinema, apropria-se da memória desse passado cinematográfico. Em contrapartida, oferece a Farnsworth um grande papel, um papel justo. Tudo está certo na maneira como ele interpreta a personagem, e tudo está certo na maneira como Lynch filma esse encontro. É uma questão de cuidado. É também uma questão de ritmo.

Há um plano no filme que parece dizê-lo com grande economia de meios: aquele que, no início da viagem de Alvin estrada fora, dá a ver o traço amarelo que separa as duas faixas da estrada na perspectiva do veículo que a está a percorrer. O plano é igual a um outro (talvez a vários outros) de *LOST HIGHWAY*. Difere a velocidade. A personagem aqui segue a 5 km à hora. Pondo um velho ao volante de uma máquina de cortar relva e fazendo disso o movimento central do filme, é de desaceleração que se trata. A linearidade, uma outra figura do filme, segue a pulsão da personagem, para a estrada, numa ida tranquila a um encontro que não lhe é possível falhar. Tudo se passa de acordo com essa determinação da personagem. À sua maneira, como fica expresso em todos os encontros com as personagens com as quais Alvin se vai cruzando, desde a extraordinária sequência da preparação da viagem, com passagem pela loja de ferramentas... E até no cruzamento com a interminável fila de ciclistas que pedalam mais depressa do que o ritmo do motor do John Deere. Toda a acção é orientada por Alvin e segundo os seus desejos, apesar dos acidentes, dos imprevistos, mesmo dos momentos que parecem assinalar uma piscadela de olho ao “outro” mundo de Lynch: a histeria da mulher que mata um veado na estrada, gritando contra o destino que a faz matar pelo menos um veado por semana naquela mesma estrada (“mas de onde é que eles vêm?”); a casa que é

consumida pelas chamas no ponto do caminho em que Alvin fica sem travões e quase tem um acidente no declive acentuado de uma colina.

É à medida das pessoas que vai encontrando pelo caminho que Alvin vai desfiando algumas memórias fragmentárias. Fica a saber-se o que é preciso saber: por exemplo, o plano em que Alvin vai a um bar com outro tipo da sua idade e momentaneamente aludem à memória de uma guerra em que ambos combateram e que a ambos deixou feridas, é de uma contenção e de uma clareza extraordinárias. De tal modo que quando, finalmente, o encontro entre os irmãos acontece, não são realmente precisas muitas palavras. O filme pode acabar. E o plano escuro do céu estrelado, recorrente ao longo de *THE STRAIGHT STORY*, ganha um novo sentido. É também o espaço, mas sobretudo o tempo, a matéria deste filme.

Maria João Madeira